

# A ACUMULAÇÃO (MUITO MAIS DO QUE) PRIMITIVA COMO ELO ENTRE CAPITALISMO, COLONIALISMO E PATRIARCADO<sup>1</sup>

*Maurício Hashizume<sup>2</sup>*

## RESUMO

O conceito de “acumulação primitiva”, considerado por Marx como o ponto de partida do modo de produção capitalista, tem sido retomado por pensadoras/es como Rosa Luxemburgo, Silvia Federici e David Harvey em um sentido mais alargado e contínuo que não necessariamente o dissocia da chamada “acumulação capitalista”. Por meio de uma análise crítica pós-colonial/descolonial, é possível vislumbrar através dele uma poderosa, contínua e influente conexão entre capitalismo, colonialismo e patriarcado.

**Palavras-chave:** Capitalismo; Colonialismo; Patriarcado.

- 
- 1 Este artigo é um breve excerto de tese de doutorado no Programa de Pós-Colonialismos e Cidadania Global, no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra (UC), que tem como base pesquisas de campo realizadas com organizações indígenas no Brasil e na Bolívia. Foi desenvolvido no âmbito do projeto de investigação “ALICE, espelhos estranhos, lições imprevistas”, coordenado por Boaventura de Sousa Santos no CES/UC. O projeto recebe fundos do Conselho Europeu de Investigação, 7º Programa Quadro da União Europeia (FP/2007-2013) / ERC Grant Agreement n. [269807].
  - 2 Professor substituto – Curso de Jornalismo Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador júnior - Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra (UC).

# THE (MUCH MORE THAN) PRIMITIVE ACCUMULATION AS A LINK BETWEEN CAPITALISM, COLONIALISM AND PATRIARCHY

## ABSTRACT

The concept of “primitive accumulation”, considered by Marx as the starting point of capitalist mode of production, has been recaptured by thinkers such as Rosa Luxemburg, Silvia Federici and David Harvey in a broader and continuous sense that does not necessarily dissociate it from the “capitalist accumulation”. Through a postcolonial/decolonial critical analysis, it is possible to glimpse through it a powerful, continuous and influential connection between capitalism, colonialism and patriarchy.

**Keywords:** Capitalism; Colonialism; Patriarchy.

“(…) [A] guerra não é só uma forma, é certamente a essência pela qual o capitalismo se impõe e se implanta na periferia. É também um negócio em si mesmo. Uma forma de obter lucros. Paradoxalmente, na paz é mais difícil fazer negócios. E digo ‘paradoxalmente’ porque se supõe que o capital necessita de paz e tranquilidade para se desenvolver. Talvez isso tenha sido antes, não o sei, o que vemos é que agora ele necessita de guerra” Subcomandante Marcos (EZLN)<sup>3</sup>

---

3 Marcos (2008: 175-176).

“Na história real, como se sabe, a conquista, a subjugação, o assassinio para roubar, em suma, a violência, desempenham o principal papel. Na suave Economia Política reinou desde sempre o idílio. Desde o início, o direito e o ‘trabalho’ têm sido os únicos meios de enriquecimento, excetuando-se de cada vez, naturalmente, ‘este ano’. Na realidade, os métodos da acumulação primitiva são tudo, menos idílicos” Karl Marx<sup>4</sup>

“Os cientistas sociais no Terceiro Mundo não podem pensar a história sem levar em conta a Grande Divisão de esmagadoras distorções que suas sociedades sofreram sob a pressão da exploração colonial. É surpreendente para eles descobrir que historiadores de língua inglesa, marxistas inclusive, parecem quase todos concordarem que a conquista imperialista do mundo pelo Ocidente não teve efeito algum para o surgimento e desenvolvimento do capitalismo nos países europeus!” Ashok Rudra<sup>5</sup>

Direta ou indiretamente, ainda é possível encontrar, entre as distintas análises acerca do capitalismo, interpretações que o afastam, de forma mais ou menos insinuante, dos assim chamados “resquícios pré-modernos” tradicionais (não raro, carregado de traços coloniais e patriarcais). Em contraste, sustento – a partir de reflexões em torno da noção de “acumulação primitiva” em Karl Marx e de leituras complementares, como a “acumulação do capital” em Rosa Luxemburgo e a “acumulação por espoliação” em David Harvey - que capitalismo, colonialismo e patriarcado são intrínsecos

---

4 Marx (1996 [1867]: 340).

5 Rudra (1987: 171).

em termos materiais (exploração do trabalho e dominação) e também imateriais (em termos epistemológicos/ontológicos e hegemonia), numa relação dialética que vai além das contradições específicas em torno dos meios de produção

Em grande medida, o panorama histórico-social aqui desenhado é informado pelo enfoque crítico-analítico da *linha abissal*, elaborado e desenvolvido por Boaventura de Sousa Santos<sup>6</sup>. Em síntese, assumo a pretensão de demonstrar que a hermenêutica corrente e comumente mais aceita em torno da origem, da estruturação e da dinâmica da formação do capitalismo é, em si mesma, *abissal*. Ou seja, está assentada ela própria em um *pensamento abissal*<sup>7</sup> que se limita a iluminar “o lado de cá da linha” (nesse caso, o capitalismo, espaço por excelência da tensão/combinção entre regulação e emancipação) e se empenha em minimizar e esconder, ou ainda melhor, em *produzir ativamente como não-existente*, como realça o referido autor, “o outro lado da linha” (colonialismo e

---

6 A noção de *linha abissal* permeia vários trabalhos do autor, mas o artigo (SANTOS, 2009) que acompanha a coletânea *Epistemologias do Sul* - e que já havia sido publicado de forma avulsa na *Revista Crítica de Ciências Sociais* (SANTOS, 2007), em Portugal, e na *Revista Novos Estudos*, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), no Brasil; bem como na revista *Review*, no mesmo ano, em Inglês - condensa algumas das principais ideias do seu pensamento. Foi apresentado originalmente no Centro Fernand Braudel, na Universidade de Binghampton, em 2006 - e nas Universidades de Glasgow e Victoria (Canadá), bem como nas Universidades de Coimbra e de Madison-Wisconsin, onde dá aulas.

7 Como bem nota Grosfoguel (2011), é possível traçar um diálogo crítico entre a “sociologia descolonial de Sousa Santos” e a “visão descolonial de Frantz Fanon”. Particularmente, é estabelecido um paralelo entre a diferenciação entre a “zona do ser” e a “zona do não-ser”, que faz parte da concepção de racismo estrutural de Fanon (2010) [1952], com o “lado de cá” e o “lado de lá” da “linha abissal”, de Santos. “A teoria crítica de esquerda produzida a partir da geopolítica do conhecimento e da corpo-política do conhecimento da experiência histórico-social do ‘Outro’ dentro da zona do ser [lado de cá da ‘linha abissal’] não é suficiente para entender os problemas vividos nem a maneira como se articulam os processos de violência e apropriação da dominação e da exploração na zona do não ser [lado de lá da ‘linha abissal’]” (GROSFOGUEL, 2011: 102). Em vez de sublinhar essa diferença entre as duas zonas, o que se pretende assinalar aqui é que as duas zonas são interdeterminantes e interdependentes.

patriarcado, contextos nos quais grassam e se naturalizam as relações de violência e de apropriação).

A arqueologia e a genealogia do pensamento *abissal* do sistema estariam, portanto, interconectadas com duas passagens/rupturas/transições históricas, concretas e simbólicas decisivos: a estruturação do patriarcado moderno e a efetivação da profunda lógica colonial de *produção de inexistências*. A primeira se deu por meio de fenômenos como a caça às bruxas (juntamente com outras perseguições de ordem étnico-cultural-religiosa aos corpos femininos rebeldes) tanto no “Velho Continente” como em territórios colonizados (FEDERICI, 2010 [1984]). E a segunda se efetivou e se estabeleceu como constitutivo do capitalismo-colonialismo com base na invasão, espólio e massacre dos povos indígenas no “Novo Mundo” *per se*, a partir do final do século XV (a qual também teve reflexos dentro da Europa) e ao longo do século XVI<sup>8</sup>.

Em consonância com o programa de pesquisa proposto por Santos (2002) de aplicação de uma *sociologia das ausências* a fim de desmontar quadros erigidos pela *razão indolente* e suas desconsiderações, invisibilizações e exclusões, apresento o argumento de que a habilitação de um *pensamento pós-abissal* relativamente à formação e desenvolvimento do capitalismo fratura essa ideia-força (deliberadamente parcial e incompleta) por trás dos diagnósticos e, por consequência, abre possibilidades para reflexões profícuas e ações concretas diante desse mesmo sistema

---

8 Grosfoguel (2013) se refere aos quatro genocídios/epistemicídios no longo século XVI - contra a população judia e muçulmana na conquista de *Al-Andalus* [denominação da península ibérica segundo conquistadores islâmicos], contra os povos indígenas na conquista do continente americano, contra os africanos raptados e escravizados no continente americano e contra as mulheres queimadas vivas sob acusações de bruxaria na Europa. O intento do autor é interconectar e inter-relacionar esses quatro genocídios/epistemicídios entre si, como parte constitutiva das estruturas epistêmicas do *sistema-mundo capitalista/patriarcal occidentalocêntrico/cristianocêntrico moderno/colonial*. A referência ao longo século XVI (1450-1650) remete ao trabalho do historiador francês Fernand Braudel, que influenciou a formulação de *sistema-mundo moderno* de Immanuel Wallerstein.

inexoravelmente capitalista, colonial e patriarcal. Como meio para essa empreitada, retomo um dos aspectos mais discutidos quando o tema é a economia política daquilo que correntes marxistas (centradas na dialética entre as forças produtivas e as relações de produção) denominam como modo de produção capitalista<sup>9</sup>: a “acumulação primitiva”.

Amplamente conhecida pela pena de Marx, a “acumulação primitiva” é uma das concepções mais influentes para as análises dedicadas ao período da “transição do feudalismo ao capitalismo”. Como parte de uma poderosa engrenagem crítica de desconstrução do modo de produção capitalista com base no materialismo histórico e dialético, Marx formulou, em sua obra mais conhecida (*O Capital*), a concepção de “acumulação primitiva”, considerada como o ponto de partida da produção capitalista, isto é, como uma espécie de “pecado original” do capitalismo – segundo, inclusive, uma analogia teológico-religiosa feita pelo próprio autor<sup>10</sup>.

Objeto de reflexões praticamente desde o momento em que veio à tona, a “acumulação primitiva” de Marx estimulou uma série de

---

9 Há outras distintas perspectivas no campo da história econômica sobre o processo que também ficou conhecido como *A Ascensão do Ocidente* (que é inclusive o título de uma das obras mais influentes sobre o tema, de autoria do historiador norte-americano William H. McNeill). A partir, por exemplo, de assumidas concordâncias com a “teoria neoclássica *standard*”, tais perspectivas “revertem à explicação interna como alegada superioridade do Ocidente o porquê de sua ascendência sobre o resto do mundo” (FRANK e GILLS, 2014 [1993]: 28). Mesmo sobre as abordagens da história econômica marxista, Frank e Gills (2014 [1993]: 28-29) realçam que elas são “resultado do eurocentrismo e da preferência por marcos explicativos endógenos, classistas e causalísticos” visto que “nenhuma lei dita que a limitação do alcance da análise seja inevitável ou imposta”.

10 Segundo Marx (1996) [1867], no Capítulo 24 do Volume I (Livro Primeiro) d’*O capital*: “A acumulação do capital (...) pressupõe a mais-valia, a mais-valia a produção capitalista, e esta, por sua vez, a existência de massas relativamente grandes de capital e de força de trabalho nas mãos de produtores de mercadorias. Todo esse movimento parece, portanto, girar num círculo vicioso, do qual só podemos sair supondo uma acumulação ‘primitiva’ (*previous accumulation* [ou acumulação prévia] em Adam Smith), precedente à acumulação capitalista, uma acumulação que não é resultado do modo de produção capitalista, mas sim seu ponto de partida” (MARX, (1996) [1867]: 339).

contributos posteriores acerca do funcionamento do sistema – não apenas no que se refere ao seu “centro”, mas principalmente nas chamadas “periferias”. Intelectuais e militantes como Rosa Luxemburgo e, mais recentemente, Silvia Federici e David Harvey, entre muitas/os outras/os analistas marxistas e não marxistas do Sul e do Norte Global, têm apontado para aspectos complementares que envolvem um senso mais alargado e contínuo dessa ideia de “acumulação”. Esta última já não mais estaria apenas limitada aos cercos dos adjetivos “primitiva”, quando da sua formação histórica a partir da expansão colonial do final dos séculos XV e XVI, ou “capitalista”, em sua fase mais “desenvolvida” na esteira da Revolução Industrial, mas submetida a uma série de distintas abordagens.

Pouca ou nenhuma tentativa foi feita para ver como a formação de categorias tais como raça, sexo e classe, tanto historicamente como na prática moderna, se interseccionam e coexistem. A necessidade de encontrar maneiras de articular a importância das estruturas econômicas para a formação dessas categorias de análise é cada vez mais clara. Uma análise de classe tem um crucial, se complexo, papel a desempenhar ao enfatizar a ligação entre representação e prática material no discurso pós-colonial. Essa revisão é necessária porque na análise final os meios de representação e os meios de produção agem em conjunto reflexivamente<sup>11</sup> para criar as condições complexas das várias sociedades coloniais e pós-coloniais (ASHCROFT et al., 2007 [2000]: 40).

---

11 De uma maneira algo inversa (porém que tende a enfatizar aspectos antes invisíveis semelhantes), a corrente mais contemporânea da *Teoria da Reprodução Social* (BHATTACHARYA, 2017) tem se dedicado a pesquisar fatores que permitem que a exploração do trabalho se dê e se replique na práxis cotidiana.

A noção de “acumulação primitiva” ocupa uma posição estratégica nesse debate sobre os fundamentos da corriqueira dissociação entre capitalismo, colonialismo e patriarcado. Seguindo a linha de raciocínio de Marx (1996 [1867]: 340), a “assim chamada acumulação primitiva” vem a ser “nada mais que o processo histórico de separação entre produtor e meio de produção” e “aparece como ‘primitivo’ porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção que lhe corresponde”.

Essas duas afirmações permitem uma série de considerações. Habitam-nas contradições de vários tipos. Primeiro, é preciso esmiuçar o que constituiria esse “processo histórico de separação entre produtor e meio de produção” de que fala Marx. Na visão do pensador, as relações capitalistas só se tornaram reais (para depois se reproduzirem em escala cada vez mais crescente) a partir do momento em que se tornou possível uma configuração na sociedade na qual se defrontaram “duas espécies bem diferentes de possuidores de mercadorias”:

Dinheiro e mercadoria, desde o princípio, são tão pouco capital quanto os meios de produção e de subsistência. Eles requerem sua transformação em capital. Mas essa transformação mesma só pode realizar-se em determinadas circunstâncias, que se reduzem ao seguinte: duas espécies bem diferentes de possuidores de mercadorias têm de defrontar-se e entrar em contato; de um lado, possuidores de dinheiro, meios de produção e meios de subsistência, que se propõem a valorizar a soma-valor que possuem mediante compra de força de trabalho alheia: do outro, trabalhadores livres, vendedores da própria força de trabalho e, portanto, vendedores de trabalho. Trabalhadores livres no duplo sentido, porque não pertencem diretamente aos meios de produção, como os escravos, os servos etc., nem os meios de produção lhes pertencem, como, por



exemplo, o camponês economicamente autônomo etc., estando, pelo contrário, livres, soltos e desprovidos deles (MARX, 1996 [1867]: 340).

O sentido *abissal* dos termos colocados por Marx fica evidente nestas últimas colocações. Ao estabelecer que esse desequilíbrio histórico fundamental e as subsequentes interdependências e tensões dialéticas entre uma *classe compradora* e outra *classe vendedora* de força de trabalho estariam no início de tudo, parece estar muito mais preocupado com os desdobramentos e os resultados de tal operação do que em compreender ao pormenor os procedimentos concretos (materiais e simbólicos)<sup>12</sup> que permitiram que ela ocorresse. Sim, é justamente a “acumulação primitiva” que aparece como resposta para explicar como teria se gerado esse primeiro pontapé que teria dado uma ignição a todo o sistema. Para ilustrar a sofisticada obliteração do colonialismo e do patriarcado no coração do capitalismo, recorro à descrição que o próprio faz desses continuados momentos:

A descoberta das terras do ouro e da prata, na América, o extermínio, a escravização e o enfurnamento da população nativa nas minas, o começo da conquista e pilhagem das Índias Orientais, a transformação da África em um cercado para a caça comercial às peles negras marcam a aurora da era de produção capitalista. Esses processos idílicos

---

12 É precisa a colocação de Santos (2013 [1994]: 43) acerca da “inexistência de um cânon marxista”, ou seja, de “uma versão ou interpretação autorizada do que Marx verdadeiramente disse ou quis dizer”: “Na medida em que Marx pretendeu colocar, no mesmo plano gnoseológico, a compreensão da sociedade capitalista tal como ela existe e a sua transformação futura, tornou-se vulnerável aos processos de canonização e de ortodoxia e à conseqüente inversão dos processos de verificação: em vez do teste da prática à teoria que, se falhado, conduz à falsificação da teoria, o teste da teoria à prática que, se falhado, conduz à condenação e à ostracização da prática”.

são momentos fundamentais da acumulação primitiva. De imediato segue a guerra comercial das nações europeias, tendo o mundo por palco. Ela é aberta pela sublevação dos Países Baixos contra a Espanha, assume proporção gigantesca na Guerra Antijacobina da Inglaterra e prossegue ainda nas Guerras do Ópio contra a China etc.

Os diferentes momentos da acumulação primitiva repartem-se então, mais ou menos em ordem cronológica, a saber pela Espanha, Portugal, Holanda, França e Inglaterra. Na Inglaterra, em fins do século XVII, são resumidos sistematicamente no sistema colonial, no sistema da dívida pública, no moderno sistema tributário e no sistema protecionista. Esses métodos baseiam-se, em parte, sobre a mais brutal violência, por exemplo, o sistema colonial. Todos, porém, utilizaram o poder do Estado, a violência concentrada e organizada da sociedade, para ativar artificialmente o processo de transformação do modo feudal de produção em capitalista e para abreviar a transição. A violência é a parteira de toda velha sociedade que está prenhe de uma nova. Ela mesma é uma potência econômica (MARX, 1996 [1867]: 370).

À primeira vista, o destaque conferido pelo pensador alemão aos “diferentes momentos da acumulação primitiva” pareceria até reafirmar a centralidade do “sistema colonial” para a formação do capitalismo<sup>13</sup>.

---

13 Há uma linha gradual e temporal que se estabelece entre a fase da “acumulação primitiva” para a “acumulação capitalista” - quando teria se estabilizado o sistema mais clássico de divisão de classes sociais entre os capitalistas, donos dos meios de produção, e os proletários, que só dispõem da própria força de trabalho para “vender” aos capitalistas – uma sorte de apagamento de uma das características fundamentais do novo sistema que vai se instalando, é sempre válido ressaltar, ao longo de séculos. Ainda que faça sentido do ponto de vista descritivo - afinal, há mudanças evidentes dentro do

No entanto, Marx, da forma como apresenta a questão, entrelaça ao colonialismo uma série de fenômenos paralelos - formação e consolidação do Estado moderno (e de suas ações no âmbito da dívida pública, da arrecadação tributária e do protecionismo perante a concorrência) que acabam por lançar uma cortina de fumaça no papel imprescindível da primordial das primordiais “brutais violências”: a invasão, a imposição de uma ordem alheia às populações e comunidades nativas, o saque e a apropriação de proporções quase incomensuráveis de vidas (de seres humanos e não-humanos) em território americano. Tais operações foram, aliás, imprescindíveis às demais intervenções complementares de cunho estatal (nas áreas de dívida pública, tributação e protecionismo, que requerem tanto a circulação como a concentração de monumentais recursos) que mereceram a citação de Marx como parte da “acumulação primitiva”.

Mais apenas do que as descomunais riquezas materiais extraídas de enclaves periféricos em favor das metrópoles centrais europeias, fundouse, com o colonialismo (e também com o patriarcado), uma *conjugação de relações de poder*. Conjugação essa que é mais alargada que a divisão estanque entre “compradores” e “vendedores” de força de trabalho. Na realidade, essa matriz *capitalista, colonial e patriarcal* exerce uma influência crucial na própria “luta de classes” tal qual entendida por Marx.

Em outro trecho, o destaque se anuncia ainda mais incisivo. O autor denomina o papel desempenhado pelo sistema colonial como “o ‘deus estranho’ que se colocava sobre o altar ao lado dos velhos ídolos da Europa e que, um belo dia, com um empurrão e um chute, jogou-os todos por terra” (MARX, 1996 [1867]: 373). Ao proceder desse modo, teria

---

sistema-mundo capitalista moderno/colonial (GROSFUGUEL e CERVANTES-RODRIGUEZ, 2002), a transição da “acumulação primitiva” para a “acumulação capitalista” instaura também uma cisão que contribui sobremaneira para situar o que se entende como “sistema colonial” apenas como um fenômeno estacionado no passado. Como se fosse um momento específico de explosão de violências e injustiças que, com a normalização das engrenagens sociais, se dissipou e passou a mais não se verificar.

proclamado “a extração de mais-valia como objetivo último e único da humanidade”. Neste salto entre a “acumulação primitiva” e a “acumulação capitalista” centrada exclusivamente na extração da *mais-valia*, diversas hierarquias (não só de ordem étnica, racial e cultural, mas também de gênero) estabelecidas e exercitadas ao longo do processo histórico, nas mais variadas escalas e contextos, foram sendo borradas e até apagadas de um dos quadros crítico-analíticos de maior referência e influência no campo das ciências sociais.

Na visão de Marx, toda a violenta e verticalizada ordenação que se desenrola a ferro e fogo entre colonizadores e colonizados - não necessariamente com base na origem ou na história de vida de cada pessoa, nem sequer nas divisões étnico-raciais, *stricto sensu*, mas em termos da escala de imposições epistemológicas e ontológicas de valoração e naturalização de um único modo de vida superior a todos os outros – pouco importaria em si. Sua função maior estaria naquilo que proporcionou como “segredo da acumulação primitiva”: a canonização do “deus estranho” simbolizado pela *mais-valia*.

Meiksins Wood (1981) retoma Marx para enfatizar que essa passagem pode ser entendida como “ponto de partida” da produção capitalista, nada menos que o “processo histórico da separação do produtor dos meios de produção”, um “processo de luta de classes e de intervenções sangrentas por parte do Estado em nome da classe expropriadora”. Em outras palavras – e segundo a mesma autora –, a argumentação de Marx leva a entender que o “segredo definitivo” da produção capitalista tem um caráter político que, ao contrário do entendimento de uma política econômica clássica que ele critica, mantém continuidades com a esfera econômica<sup>14</sup>.

---

14 Como destaca Meiksins Wood (1981), a abordagem de Marx se difere da economia política burguesa precisamente ao insistir que “um sistema produtivo é feito de determinações sociais específicas – relações sociais, modos de propriedade e de dominação, formas legais e políticas específicas. Isso não significa simplesmente que a ‘base’ econômica é refletida em e mantida por certas instituições da ‘super-estrutura’, mas que

Ainda que se posicione com firmeza contra argumentos que buscam deslegitimar a interpretação social do materialismo histórico (como os que acreditam na existência de um impulso *natural* e *perene*, independentemente de condições sociais e históricas, fundamentado na natureza e na racionalidade humanas, em direção ao melhoramento de forças tecnológicas), o *marxismo político* de Meiksins Wood e outros não costumam dar muita importância à influência de questões étnico-culturais-raciais e de gênero para a formação do capitalismo<sup>15</sup>.

Dentro de correntes marxistas, outras reflexões revisitaram o relevante tema da relação entre “acumulação primitiva” e “acumulação capitalista”. Rosa Luxemburgo, em especial, contrariou uma série de pensadores que eram seus contemporâneos da virada do século XIX para o início do XX e buscou dar uma explicação que trazia de novo à ribalta o papel protagônico do avanço sobre economias não-capitalistas para o desenvolvimento do capitalismo. Luxemburgo vai além das análises enfocadas nas relações de produção (nas fábricas, nas minas, nas propriedades agrícolas etc.) e na respectiva extração da *mais-valia*. De sua parte, reaviva a temática da “acumulação primitiva”, no plano do mercado mundial e de suas fronteiras de expansão, para tentar desvendar os mecanismos histórico-materiais de multiplicação e de reafirmação do sistema.

Nesse esforço, realça uma *produção de ausência* que separava em dimensões desconectadas os contextos “centrais” do mercado mundial em que o trabalho assalariado e a *mais-valia* se converteram em regras e as realidades múltiplas das “bordas” de confronto direto dos ditames capitalistas com economias não-capitalistas:

---

a base produtiva em si existe na forma de construtos sociais, jurídicos e políticos – em particular, formas de propriedade e de dominação”.

15 Haja vista a insistência de Brenner [1987] (1977) quanto ao “nascimento” do capitalismo precisamente no meio rural da Inglaterra, única a reunir condições para tal feito extraordinário.

Nesse nível, a paz, a propriedade e a igualdade reinam como formas e faz-se necessária a dialética apurada de uma análise científica para descobrir como por meio da acumulação o direito de propriedade se transforma em apropriação da propriedade alheia, a troca em exploração e a igualdade em dominação de classe. O outro aspecto da acumulação de capital é o que se verifica entre o capital e as formas de produção não-capitalistas. Seu palco é o cenário mundial. Como métodos da política colonial reinam o sistema de empréstimos internacionais, a política das esferas de influência e as guerras. Aí a violência aberta, a fraude, a repressão e o saque aparecem sem disfarces, dificultando a descoberta, sob esse emaranhado de atos de violência e provas de força, do desenho das leis severas do processo econômico (LUXEMBURGO, 1985 [1913]: 86)

Ainda no seu ímpeto em decifrar a expansão capitalista, Luxemburgo reitera essa duplicidade de discursos relacionados ao capitalismo: em um, a teoria liberal-burguesa enfatiza o “domínio da ‘concorrência pacífica’ das maravilhas técnicas e do comércio propriamente dito” nos países centrais; enquanto o que ela classifica como “terreno da violência ruidosa do capital”<sup>16</sup> se manifesta nas periferias de forma sorrateira, como se fosse

---

16 Loureiro (2015: 97) considera que Rosa Luxemburgo tenha sido “a teórica que pela primeira vez deu lugar permanente, na civilização ocidental, aos países da periferia do capitalismo, não somente porque serviram como fonte de acumulação primitiva do capital, mas porque, desde a época da colonização até agora, foram um elemento imprescindível do desenvolvimento capitalista mundial”. Ainda segundo a mesma autora, essa novidade teria antecipado em 60 anos algumas das conclusões da teoria da dependência, uma vez que “foi reconhecida na América Latina dos anos 1970 por intelectuais marxistas não-stalinistas que se deram conta de que Rosa Luxemburgo havia tido uma intuição original (que não se desenvolveu) ao reforçar a unidade dialética entre metrópole e periferia: o sistema capitalista mundial, no seu processo de constituição histórica, gerava o

uma vertente “mais ou menos fortuita da ‘política externa’, dissociada do domínio econômico do capital”. Daí, para a pensadora, que:

(...) a violência política é apenas o veículo do processo econômico; ambos os aspectos da reprodução do capital encontram-se interligados organicamente, resultando dessa união a trajetória histórica do capital (LUXEMBURGO, 1985 [1913]: 86).

Ou seja, a concepção historicamente estacionada de “acumulação primitiva” proposta por Marx é desafiada por Luxemburgo, para quem o processo “prossegue inclusive em nossos dias”<sup>17</sup> e, no tocante às “sociedades primitivas”, trata-se de uma “luta pela sobrevivência” que tem o “caráter de uma luta de vida ou morte”. Löwy (2015: 88), por sinal, se revela surpreso com o fato de que em sua *Introdução à economia política*<sup>18</sup> (e ainda que seja um texto inacabado), “os capítulos dedicados à sociedade comunista primitiva e sua dissolução ocupem mais espaço do que o conjunto dos capítulos dedicados à produção mercantil e à economia capitalista”. As *sociedades comunistas primitivas* são colocadas como antípodas da sociedade capitalista de mercado numa “abordagem

---

subdesenvolvimento na periferia como um aspecto complementar do desenvolvimento dos países centrais” (LOUREIRO, 2015, 97-98).

- 17 Vale ressaltar que a abordagem de Luxemburgo contrasta com a leitura de Lênin, que entendia o imperialismo como um novo estágio do capitalismo da virada do século XIX para o século XX. Para ela, a voracidade do capital para com as economias não-capitalistas era uma constante do sistema – ou seja, para se expandir, o capitalismo necessitaria obrigatoriamente de se valer de expedientes coloniais.
- 18 Manuscrito redigido por Paul Levi no período em que esteve na prisão (1914-1915) com base em notas dos cursos de economia política dados por Rosa Luxemburgo na Escola do Partido Social-Democrata da Alemanha entre os anos de 1907 e 1914.

totalmente original da evolução das formações sociais” e “em oposição à concepção linear e evolucionista do ‘progresso’”<sup>19</sup>.

Mesmo partilhando da ideia de que as nações colonizadas acabavam por ser beneficiadas pelo progresso econômico do imperialismo, Luxemburgo não se limitava a se posicionar somente do “lado de cá da linha (abissal)” e mencionava também as consequências socialmente destrutivas do “progresso” capitalista do “lado de lá da linha”<sup>20</sup>. No Capítulo 27 de *A acumulação do capital* (“A luta contra a economia natural”), ela sustenta que todos os empreendimentos coloniais europeus compartilham a mesma política brutal de extirpar as estruturas sociais pré-capitalistas.

Como as organizações sociais primitivas dos nativos constituem os baluartes na defesa dessas sociedades, bem como as bases materiais de sua

---

19 Luxemburgo se inspira nos escritos do historiador Georg Ludwig von Maurer sobre a antiga comuna germânica (“marca”) em considerações que constam da *Introdução à Economia Política*. “Não é possível imaginar nada de mais simples e harmonioso do que o sistema econômico das antigas marcas germânicas. Todo o mecanismo da vida social funciona à vista de todo o mundo. Um plano rigoroso e uma organização robusta determinam a atividade de cada um e o integram como um elemento do todo. As necessidades imediatas da vida cotidiana e sua satisfação igual para todos, tal é o ponto de partida e o coroamento dessa organização. Todos trabalham em conjunto para todos e decidem em conjunto a respeito de tudo. De onde provêm e em que se fundam essa organização e o poder da coletividade sobre o indivíduo? Do comunismo do solo, quer dizer, da posse comum do mais importante meio de produção pelos trabalhadores”. Löwy (2015: 91) relembra, entretanto, que “Rosa Luxemburgo partilha com Marx a convicção de que o imperialismo leva o progresso econômico às nações colonizadas, embora utilizando ‘os métodos ignóbeis de uma sociedade de classes’”.

20 Sobre o empreendimento colonial britânico na Índia, por exemplo, Rosa Luxemburgo comenta. “Os antigos vínculos foram rompidos, o pacífico isolamento do comunismo das aldeias foi aniquilado e substituído por querelas, discórdia, desigualdade e exploração. Daí resultaram enormes latifúndios, de um lado, e, de outro, uma enorme massa de milhões de arrendatários sem meios”. Também n’*A acumulação do capital* ela critica o papel histórico do colonialismo inglês e manifesta sua indignação com o desprezo criminoso dos conquistadores europeus em relação ao antigo sistema de irrigação que mantinha a produção agrícola na civilização indiana. Uma vez destruído, gerou fome a milhões.



subsistência, o capital serviu-se, de preferência, do método da destruição e da aniquilação sistemáticas e planejadas dessas organizações sociais *não-capitalistas* [grifo da autora], com as quais entra em choque por força da expansão por ele pretendida (...). Cada nova expansão colonial se faz acompanhar, naturalmente, de uma guerra encarniçada dessas, do capital contra as relações econômico-sociais, assim como pela desapropriação violenta de seus meios de produção e pelo roubo de sua força de trabalho (LUXEMBURGO, 1988 [1913]: 32-33).

Em síntese, o argumento de Rosa Luxemburgo é o de que a “acumulação primitiva” é um *traço permanente da expansão imperialista* do século XVI até hoje:

O capital não conhece outra solução que não a da violência, um método constante da acumulação capitalista no processo histórico, não apenas por ocasião da sua gênese, mas até mesmo hoje (...). O método da violência é a consequência direta do choque que se estabelece entre o capitalismo e as formações que, na economia natural, interpõem barreiras à sua acumulação (LUXEMBURGO, 1988 [1913]: 37).

É também a partir dos escritos de Luxemburgo que o geógrafo David Harvey renova a discussão sobre a continuidade da “acumulação primitiva” para além do momento fundacional dos séculos XV e XVI descrito por Marx. Harvey (2011) forja o conceito de “acumulação por expropriação (ou por espoliação)”<sup>21</sup>. Trata-se, resumidamente, de um conjunto de

---

21 Para entender a compreensão que Harvey tem da continuidade da “acumulação primitiva”, é útil recuperar um trecho da obra em que trata d’*Os Limites do Capital*: “O ponto central de discordância implícita de Marx com Hegel (...) não está na premissa de que

mecanismos convencionais descritos por Marx na “acumulação primitiva” (privatização da terra e expulsão da população camponesa, mercantilização da força de trabalho e supressão de formas autônomas de produção e consumo, apropriação de recursos naturais etc.) somado a novos mecanismos de mercantilização em todos os domínios (patentes de material genético e de sementes; biopirataria; mercantilização da cultura e da educação; privatização dos sistemas de saúde e de previdência social).

Apesar de direcionar luzes para a continuidade da verificação de mecanismos de traços “coloniais” para a reprodução do capital (seja no campo, especialmente em atividades de extrativismo de recursos naturais, ou nas cidades), a posição de Harvey quanto ao colonialismo como fundamento do capitalismo é marcada por muitas reticências. Ao fim e ao cabo, o geógrafo tende (na esteira de uma porção considerável de tendências marxistas contemporâneas) a confirmar a supremacia das relações de produção estritamente capitalistas sobre as demais.

---

a colonização não consiga permitir qualquer alívio temporário às contradições do capitalismo, mas na compreensão de que só tem como fazê-lo se acompanhada pela acumulação primitiva. A significância desse último capítulo do primeiro volume d'*O Capital* ressurgiu agora com força redobrada. A acumulação de capital é o aumento do proletariado, e isso significa a acumulação primitiva de um jeito ou de outro” (HARVEY, 1982: 436). Nota-se, porém, que o autor demonstra dificuldades em compreender o colonialismo como força constituinte de uma mesma matriz em que também se encontra o capitalismo. Há uma tendência, da parte dele, de reforçar uma subordinação de possíveis “exceções” coloniais frente à “regra” das relações capitalistas: “(...) a acumulação primitiva tem muitos disfarces. As penetrações da forma- dinheiro e do comércio exercem ‘mais ou menos uma influência de dissolução em toda a organização produtiva que se encontra a seu alcance e cujas diferentes formas são majoritariamente realizadas a fim de confirmar o valor de uso’ (*O Capital*, vol 3: 331-332; *Grundrisse*: 224-225). Mas as formas do processo de trabalho e das relações sociais de produção resultantes variam consideravelmente, dependendo das condições iniciais. A descrição ‘clássica’ de acumulação primitiva que Marx expõe n’*O Capital* está aberta à repetição em outros lugares apenas na medida em que condições mais ou menos paralelas são encontradas. O próprio Marx reconheceu algumas das possíveis variações. Colônias de *plantation*, dirigidas por capitalistas com base no trabalho escravo, produziram para o mercado mundial e foram formalmente integradas dentro do capitalismo sem serem baseadas em trabalho assalariado”.

“Imperialismos, conquistas coloniais, guerras intercapitalistas e discriminações raciais tiveram um papel dramático na geografia histórica do capitalismo. Nenhuma narrativa sobre as origens do capitalismo pode evitar confrontar a significância de fenômenos como esses. Mas isso significa que esses fenômenos são necessários para a sobrevivência do capitalismo? Poderia o capitalismo evoluir juntamente com linhas anti-racistas, não-militaristas, não-imperialistas e não-coloniais? O que acontece quando, como Giovanni Arrighi sugere em *O Longo Século XX* (1994), nós substituímos a noção de hegemonia por teorias tradicionais de dominação imperialista e colonial e insistimos que a primeira é uma organização do poder global muito diferente desta última?”<sup>22</sup> (HARVEY, 2011: 204)

Em seu importante contributo no qual relaciona a formação do capitalismo com o patriarcado<sup>23</sup>, Federici (2010) [1984] faz uma descrição da “acumulação primitiva” que “inclui uma série de fenômenos que estão

- 
- 22 O jogo de palavras aqui empregado carrega consigo implicitamente a ideia de que o anti-racismo, o não-militarismo, o não-imperialismo e o não-colonialismo são, sim, compatíveis com a hegemonia capitalista. Talvez todos esses fenômenos, se tomados apenas superficialmente, podem, sim, conviver, de modo apaziguado com o capitalismo. Já o enfrentamento profundo do colonialismo fatalmente tem de carregar, por via inversa, de elementos de anticapitalismo. Além disso, ao focar a “espoliação”, a acumulação tal qual entendida por Harvey não necessariamente compreenderia exatamente o sentido da tradicional “acumulação primitiva” conforme colocada por Marx, segundo Bin (2016: 5-8). Mais do que estabelecer diferenciações entre as modalidades de “acumulação”, o que importa para este artigo é a exposição do caráter colonial e patriarcal embutido, nem sempre reconhecido, na mesma.
- 23 Santos (2013 [1994]: 42) reputa a chamada de atenção para a importância e a especificidade da exploração do trabalho e da identidade femininas, não só no espaço da produção capitalista, como também no espaço doméstico e na esfera pública em geral, como “o contributo mais importante para a sociologia dos anos oitenta [1980]”.

ausentes em Marx e que, no entanto, são extremamente importantes para a acumulação capitalista”:

Estes incluem: i) o desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho que submete o trabalho das mulheres e a função reprodutiva das mulheres à reprodução da força de trabalho; ii) a construção de uma nova ordem patriarcal, com base na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e sua subordinação aos homens; iii) a mecanização do corpo proletária e sua transformação, no caso das mulheres, em uma máquina de produção de novos trabalhadores. E o mais importante, situei no centro desta análise da acumulação primitiva a caça às bruxas dos séculos XVI e XVII; defendo aqui que a perseguição às bruxas, tanto na Europa como no Novo Mundo, foi tão importante para o desenvolvimento do capitalismo como a colonização e a expropriação do campesinato europeu de suas terras (FEDERICI (2010) [1984]: 21-22)

Ela também manifesta desacordo com relação à avaliação do legado e da função da “acumulação primitiva” atribuída a Marx. Ainda que fosse bastante consciente do caráter criminoso do desenvolvimento capitalista, este último não tinha dúvida, de acordo com a autora, que se tratava de “um passo necessário no processo de libertação humana”. Com o fim da propriedade em pequena escala, Marx “projetava o incremento (até um grau não alcançado por nenhum outro sistema econômico) da capacidade produtiva do trabalho, criando as condições materiais para libertar a humanidade da escassez e da necessidade”, assim como “supunha que a violência que havia presidido as primeiras fases da expansão capitalista retrocederia com a maturação das relações capitalistas; a partir desse momento, a exploração e a imposição de uma disciplina do trabalho

seriam alcançadas fundamentalmente através do funcionamento das leis econômicas”<sup>24</sup> (FEDERICI, 2010 [1984], 22):

Nisso estava profundamente equivocado. Cada fase da globalização capitalista, incluída a atual, veio acompanhada de um retorno aos aspectos mais violentos da acumulação primitiva, o que demonstra que a contínua expulsão dos camponeses da terra, a guerra e o saque à escala global e a degradação das mulheres são condições necessárias para a existência do capitalismo em qualquer época<sup>25</sup>.

Deveria agregar que Marx jamais poderia ter imaginado que o capitalismo pavimentaria o caminho para a libertação humana se ele tivesse olhado para a história a partir do ponto de vista das mulheres. Esta história ensina que, ainda quando os homens tenham alcançado um certo grau formal de liberdade, as mulheres sempre foram tratadas como seres socialmente inferiores, exploradas de um modo similar a formas de escravidão. ‘Mulheres’, então, no contexto deste livro<sup>26</sup>, significa não só

---

24 Marx (1996) [1867].

25 Em Bin (2016), há um extenso debate sobre a pertinência do uso de *acumulação primitiva* para fenômenos que se distanciariam da mesma. Efetivamente, a distinção sugerida pelo autor de “espoliação redistributiva” e “espoliação expansiva” pode possuir utilidade analítica e teórica, mas os elementos coloniais e patriarcais dessa operação, entremeados em meio aos tipos particulares de acumulação, pouco são levados mais uma vez em consideração.

26 Segundo a autora, a pergunta histórica mais importante de *Calibã e a Bruxa* é a de como explicar a execução de centenas de milhares de ‘bruxas’ no início da era moderna e por que motivo o capitalismo surge enquanto está em marcha esta guerra contra as mulheres. Conforme ela, existe um acordo generalizado (a partir do trabalho de acadêmicas feministas) sobre o fato de que a caça às bruxas “tratou de destruir o controle que as mulheres haviam exercido sobre sua função reprodutiva e que serviu para facilitar o caminho ao desenvolvimento de um regime patriarcal mais opressivo” (FEDERICI (2010) [1984]: 25). Defende-se ainda que a caça às bruxas “estava arraigada nas transformações

uma história oculta que necessita se fazer visível, mas também uma forma particular de exploração e, portanto, uma perspectiva especial a partir da qual reconsiderar a história das relações capitalistas (FEDERICI, 2010 [1984], 22-23)

## Conclusão provisória

Interpretações parciais e limitadas<sup>27</sup> reduzem a hermenêutica da transição apenas ao “lado de cá da linha (*abissal*)”, ou seja, ao espaço-tempo em que se estabeleceu a relação de produção clássica do capitalismo moderno, com base na compra e venda de força de trabalho (associada

---

sociais que acompanham o surgimento do capitalismo” (sendo “conveniente demonstrar que constituiu como um aspecto central da acumulação e da formação do proletário moderno assim como o tráfico de escravos e os cercamentos de terras”), mas que “as circunstâncias históricas específicas sob as quais a perseguição das bruxas se deu e as razões pelas quais o surgimento do capitalismo exigiu um ataque genocida contra as mulheres ainda não haviam sido investigadas” (FEDERICI, 2010 [1984]: 25)

- 27 A forma como Brenner se insere no “debate sobre a transição”, por exemplo, é sintomática de uma espécie de circuito fechado de visões sobre a questão. Ele busca reagir com às leituras apresentadas por Gunder Frank, Amin e Wallerstein (as quais considera “comerciais-mercantilistas”), ao mesmo tempo em que refuta o viés demográfico-malthusiano que se distancia da análise de classes sociais. Ainda que ricas em termos do estudo da história econômica, parecem menosprezar um aspecto central, que inclusive está presente nos próprios escritos de Marx (ver próximo item “Sobre a *acumulação primitiva*”): a concentração de riquezas proporcionada pelos empreendimentos coloniais como elemento-chave para o fortalecimento da burguesia como classe na Europa ocidental. “Essa limitação do âmbito da análise não era inevitável, nem previsto por lei. Pelo contrário, foi o resultado do eurocentrismo e de uma preferência por quadros explicativos causais baseados nas classes endógenas. Ao preferir essas unidades limitadas e limitantes de análise, como o Estado, a sociedade ou a civilização nacionais, ‘transições’ ocorrem principalmente por motivos ‘internos’ de ‘classe’. Central a essas ‘transições’ têm sido as transições entre os modos de produção, que eram geralmente analisadas como se ocorressem inteiramente dentro de cada entidade separada de acordo com o desenvolvimento de suas contradições internas” (FRANK e GILLS, 2014 [1993]: 27-28).

à estabilização da mercadoria e da teoria do valor). Exaltam-se, com frequência, o rompimento dos grilhões da servidão para a implantação do regime de salários<sup>28</sup> e o surgimento endógeno da classe burguesa (representada neste início, segundo os seguidores da linha de Dobb e Brenner, pelos arrendatários de terra “proto”-capitalistas e seus atribuídos afãs pelo incremento da produtividade). Toma-se relativamente pouco em consideração que essas mudanças foram também possíveis em função do que se deu do “lado de lá da linha (abissal)”, ou seja, os múltiplos “benefícios”<sup>29</sup> colhidos pelas distintas configurações de colonialismo. Para ser mais preciso, os “benefícios” são, sim, levados em conta (desde Sweezy até Wallerstein) – o que parece despertar interesse bem menor, sem merecer a condição de depositária da mesma relevância, é a fonte desses mesmos “benefícios”, as operações políticas, econômicas, culturais e sociais, em suma, as relações sociais que estão nas bases da geração desses “benefícios”<sup>30</sup>.

---

28 A interpretação de Perelman (2000) exemplifica esse foco mais específico no momento de transição do feudalismo para o capitalismo, sem prestar atenção devida ao colonialismo. Para ele, a mera subtração das posses das terras comunais foi uma condição necessária, porém nem sempre suficiente para conduzir a população rural ao mercado de trabalho. A “acumulação primitiva” teria cortado o modo de vida tradicional camponês como uma tesoura, ilustra o autor. A primeira lâmina minou a capacidade de subsistência das pessoas; e a segunda se deu com leis severas arquitetadas para fulminar qualquer resistência contra o trabalho assalariado (PERELMAN, 2000: 14).

29 “(...) as nações europeias espojam-se na opulência mais ostensiva. Essa opulência europeia é literalmente escandalosa porque foi edificada sobre o dorso de escravos, nutriu-se do sangue de escravos, procede em linha reta do solo e do subsolo deste mundo subdesenvolvido. O bem-estar e o progresso da Europa foram construídos com o suor e o cadáver dos negros, árabes, índios e amarelos. Convém que não nos esqueçamos disto” (FANON, 2001 [1963]: 76).

30 Aqui vale lembrar as palavras cortantes do martinicano Aimé Césaire (2006 [1955]) n’O *Discurso sobre o Colonialismo*: “Não nos livraremos facilmente dessas cabeças de homens, dessas orelhas cortadas, dessas casas queimadas, dessas invasões góticas, deste sangue fumegante, dessas cidades que se evaporam pelo fio da espada”.

É possível sublinhar ao menos três níveis de colonialismo<sup>31</sup> que foram acionados para a formação do capitalismo (que, por mais esforços que se façam nas mais diferentes esferas, não consegue ser dissociado do colonialismo e do patriarcado). O primeiro deles se deu no próprio “olho do furacão” da Europa ocidental (e, com requintes, na Inglaterra), com um amplo leque de medidas de ataques e desestruturação<sup>32</sup> aos modos de vida historicamente “não-proletários” dos camponeses. O segundo foi em nível “continental”, basicamente com a já citada “segunda servidão” do Leste Europeu. E o terceiro é o colonialismo ultramarino propriamente dito no Novo Mundo, que tantas riquezas e bonanças proporcionou - seja com a extração direta de metais preciosos ou com a larga implementação do sistema de *plantations* com tráfico e exploração de mão de obra escrava, mas também do comércio e de tributos e outros benefícios relacionados. A criação das variáveis de capital fixo e de capital variável, essenciais para a equação da obtenção da mais-valia, tem a ver, por exemplo, com a importante oportunidade para a constituição de estruturas e agentes estatais “racializados”, que vão além da mera divisão internacional do trabalho<sup>33</sup>.

---

31 Que de alguma forma repete os mesmos três níveis de análise propostos por Braudel: material-local, comercial-regional, e mundial-internacional.

32 Veja-se a postura representativa de Brenner sobre a diferenciação entre a Inglaterra e a França. Na França, segundo ele, a luta dos camponeses para garantir a posse de suas terras acabou sendo desastrosa, pois não viabilizou o verdadeiro desenvolvimento das relações capitalistas; ou seja, acabou por ser uma perpetuação do atraso. Já na Inglaterra, a força devastadora do capitalismo agrário rompeu todas as barreiras e se instalou como força motriz de incentivos à produtividade. Essa derrota da classe dos camponeses acaba por ser interpretada como positiva, pois teria permitido o “verdadeiro” desenvolvimento econômico. Esse tipo de tese que associa a resistência de populações locais-rurais-camponesas-indígenas-originárias à mercantilização de suas terras e de seus territórios pelo capital ao “atraso” tem efeitos de grande repercussão nos contextos estudados na América Latina (e não só).

33 Aqui está uma das limitações evidentes também da teoria do *sistema-mundo moderno* de Wallerstein, que confere uma centralidade à organização em termos da materialidade do trabalho, sem considerar a fundo a hierarquização colonial de modos de vida de



Enquanto o privilégio à Europa, e ao Ocidente, no contexto da história do imperialismo, colonialismo e escravidão que se estendeu praticamente por todo o globo, soa compreensível, o que parece ser menos compreensível é o fracasso da maioria dos teóricos que privilegiam a Europa e o Ocidente em seguida também no exame que fazem das histórias do imperialismo, do colonialismo e da escravidão que permitiram que a Europa e o Ocidente alcançassem esse domínio. Como tal, 'provincializar a Europa'<sup>34</sup> não consiste apenas em trazer à tona outras histórias e experiências, mas também reconhecer e desconstruir – e, então, reconstruir – as posições acadêmicas que privilegiam uma parte do mundo sem nenhum reconhecimento das vidas (das mortes e das mortes vividas da escravidão) que contribuíram para que essa parte do mundo tenha atingido a condição de privilegiada. Abordar a construção da 'Europa moderna', pois, é necessário para um engajamento adequado com a história, e o presente, do mundo. Apenas pelo entendimento de como a Europa passou a representar o mundo em geral e oferecendo uma explicação mais adequada das interconexões

---

forma mais ampla, a qual inclusive determina, justifica e pereniza a divisão internacional do trabalho. "A característica definidora de um sistema social é a divisão do trabalho que nela existe, de forma que os distintos setores ou áreas dependem do intercâmbio econômico recíproco para a satisfação fluida e contínua de suas necessidades. Tal intercâmbio econômico pode se dar, evidentemente, sem uma estrutura política comum e, o que é ainda mais óbvio, sem compartilhar a mesma cultura" (WALLERSTEIN, 2004 [1974]: 88). Para efeito de contraste, é interessante notar a forma como se expressa sobre a temática Fanon (2001 [1963]: 169): "Ao colonialismo não basta encerrar o povo em suas malhas e esvaziar o cérebro colonizado de toda forma e todo conteúdo. Por uma espécie de lógica perversa, ele se volta para o passado do povo oprimido, e deforma-o, desfigura-o, aniquila-o. Essa tarefa de desvalorização da história do período anterior à colonização adquire hoje sua significação dialética".

34 Em referência à obra *Provincializando a Europa*, de Dipesh Chakrabarty.

que vieram a constituí-la como tal, é possível pensar em uma história global e em uma sociologia global (BHAMBRA, 2007: 145-146)

O quadro geral da história e da sociologia “globais” – que a autora vai buscar nas “histórias conectadas” de Subrahmanyam (1997) – se apresenta como uma janela aberta para a compreensão de articulações abafadas por interpretações dominantes a partir de perspectivas interessadas. Organizações sociais indígenas com intensa atuação na América Latina, em suas lutas diversificadas e ancoradas nas “epistemologias do Sul” por direitos plenos de viver conforme os seus desígnios, pelo exercício da auto-determinação<sup>35</sup>, são um exemplo que escancaram e deslegitimam o *pensamento abissal*. Com base nessa abordagem mais ampliada (que de algum modo segue a senda da *longue durée* de Braudel), aquilo que poderia parecer um mero “essencialismo”<sup>36</sup> se converte em uma luta muito mais alargada que entende colonialismo e patriarcado<sup>37</sup> como constituintes do capitalismo, ainda que possam ser muito distintas as suas respectivas manifestações, contexto a contexto.

*Recebido em: 11 dez. 2017.*

*Aceito em: 02 de fev. 2018*

---

35 Inclusive já reconhecida por normativas internacionais como a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, ratificados nos países em que se realizaram as pesquisas, e a recente Declaração Americana dos Povos Indígenas, aprovada em 2016.

36 Descrito por Grosfoguel (2011: 107) como “processo necessário de reconstrução de seus próprios pensamentos e identidades” que a “esquerda ocidentalizada tem dificuldade para entender”.

37 Em compasso semelhante ao suscitado pela sociologia feminista. Com relação a este quesito, Santos (2013 [1994]: 42) reconhece a importante contribuição da crítica vinda do movimento feminista com relação ao “privilégio no marxismo da ação, das práticas, das identidades e do poder de classe, em detrimento de outras formas de construção da subjetividade social e nomeadamente a assente na identidade e na discriminação sexuais”.

## Referências

- ASHCROFT, B; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. (2007) [2000], **Post-colonial studies: The Key concepts**, 2 ed., London: Routledge.
- BHAMBRA, Gurinder. **Rethinking Modernity – Postcolonialism and the sociological imagination**, London: Palgrave Macmillan, 2007.
- BHATTACHARYA, Tithi (org.) **Social Reproduction Theory - Remapping Class, Recentering Oppression**, London: Pluto Press. 2007.
- BIN, Daniel. **“So-called Accumulation by Dispossession”**, *Critical Sociology*, v 1, n 14: 1-14. 2016.
- BRAUDEL, Fernand. **The Perspective of the World (Civilization and Capitalism 15th-18th Century, Vol. III)**, London: Collins. 1984.
- BRENNER, Robert [1987], “Agrarian Class Structure and Economic Development in Pre-Industrial Europe”, in ASHTON e PHIPIN (org.) (1987), **The Brenner Debate: Agrarian Class Structure and Economic Development in Pre-Industrial Europe (Past and Present Publications)**, Cambridge University Press.1997.
- CÉSAIRE, Aimé [1955]. **Discurso sobre el colonialismo**, Madrid: Akal. 2006.
- FANON, Frantz [1952]. **Piel Negra, Máscaras Blancas**, Madrid: Akal. 2010.
- FEDERICI. [1984]. **El Caliban y la bruja. Mujeres, cuerpo y acumulación originaria**, Traficantes de Sueños: Madrid, 2010.
- FERREIRA, Andrey Cordeiro. “Colonialismo, capitalismo e segmentaridade: nacionalismo e internacionalismo na teoria e política anticolonial e pós-colonial”, **Revista Sociedade e Estado**, vol 29, n 1 (Janeiro/Abril): 255-288. 2010.
- GROSGOUEL. R. e CERVANTES-RODRÍGUEZ, A. M. **The Modern/Colonial/Capitalist World-System in the Twentieth Century: Global Processes, Antisystemic Movements, and the Geopolitics of Knowledge**, New York: Praeger. 2002.

GROSGOUEL, Ramón. “La descolonización del conocimiento: diálogo crítico entre la visión descolonial de Frantz Fanon y la sociología descolonial de Boaventura de Sousa Santos”, in **Formas-Otras: Saber, nombrar, narrar, hacer**, Barcelona: CIDOB Edicions (Colección Monografías): 97-108. 2011.

GUNDER Frank, A. e Gills, B. [1993], “The 5.000-Year Old System – An interdisciplinary introduction”, in Andre Gunder FRANK e Barry K. GILLS, **The World System: Five Hundred Years or Five Thousand?**, London and New York: Routledge: 3-55.2014.

GUNDER Frank, Andre. **Latin America: Underdevelopment or Revolution**, New York: Monthly Review Press.1996.

HARVEY, David. **The Enigma of Capital and the Crises of Capitalism**, London: Profile Books.2011

HILTON, Rodney H. “Introduction”, in Aston , T. H. e Philpin, C. H. E. (eds.) (1985), **The Brenner debate: agrarian class structure and economic development in pre-industrial Europe**, Cambridge: Cambridge University Press: 5-9.1987.

LEVINSON, Daniel J. “**The Study of Ethnocentric Ideology**”, in **Theodor Adorno et al, The Authoritarian Personality**, Nova Iorque: Harper & Brothers/American Jewish Committee: 102-150.1950.

LOUREIRO, Isabel. “A menos eurocêntrica de todos - Rosa Luxemburgo e a acumulação primitiva permanente”, in Jörn SCHÜTRUMPF (org.), **Rosa Luxemburgo e o preço da liberdade**, São Paulo: Fund. Rosa Luxemburgo: 97-107.2015.

LÖWY, Michael. “Imperialismo ocidental versus comunismo primitivo – Uma releitura dos escritos econômicos de Rosa Luxemburgo”, in Jörn SCHÜTRUMPF (org.), **Rosa Luxemburgo e o preço da liberdade**, São Paulo: Fund. Rosa Luxemburgo: 87-96.2015.

LUXEMBURGO, Rosa [1913]. **A Acumulação de Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo**. São Paulo: Abril Cultural. 1985.

MARCOS, Subcomandante Insurgente (EZLN). **Nem o centro e nem a periferia – sobre cores, calendários e geografias**, ERAHSTO Felício e Alex HILSENBECK

(orgs.), tradução de Coletivo Protopia S.A. e Danilo Ornelas Ribeiro, Porto Alegre: Deriva.2008

MARX, Karl. [1859]. **Contribuição à crítica da economia política**, tradução e introdução de Florestan Fernandes, 2 ed, São Paulo: Expressão Popular.2008.

MARX, Karl. [1867]. **O capital: crítica da economia política. Volume I, Livro Primeiro: O Processo de produção do capital**; Regis Barbosa e Flávio R. Kothe (trad.), São Paulo: Nova Cultural.1996.

MARX, K. e Engels. F. [1846]. **A Ideologia Alemã**, tradução de Luiz Claudio de Castro e Costa, 3ª ed, São Paulo: Martins Fontes.2007.

MEIKSINS Wood, Ellen. **“The Separation of the Economic and the Political in Capitalism”**, New Left Review 127: 66-95.1981.

PERELMAN, Michael. **The Invention of Capitalism – classical political economy and the secret History of primitive accumulation**. North Carolina: Duke University Press. 2000.

RUDRA, Ashok. “The Transition Debate: Lessons for the Third World Marxists”, **Science & Society**, vol 51, n 2: 170-178.1987.

SAID, Edward. **The World, The Text, and the Critic**, Cambridge: Harvard University Press.1983.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Para um sociologia das ausências e uma sociologia das emergências”, **Revista Crítica de Ciências Sociais (RCCS)** 63: 237-280.2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes”, in SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (orgs.), **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Editora Almedina, 23-71.2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa [1994]. **Pela mão de Alice – O Social e o Político na Pós-Modernidade**, Coimbra: Almedina.2013.

SILVER, B. J. e SLATER, E. "Los orígenes sociales de las hegemonías mundiales", *in* GIOVANNI Arrighi e BEVERLY J. Silver (eds.), **Caos y orden el sistema-mundo moderno**, Madrid: Akal: 157-221.2001.

SUBRAHMANYAN, Sanjay. "**Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia**", *Modern Asian Studies* 31/3: 735-762.1997.

WALLERSTEIN, Immanuel [1974]. "El ascenso y futura decadencia del sistema-mundo capitalista: conceptos para un análisis comparativo", *in* WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico y movimientos antisistémicos. Un análisis de sistemas-mundo**, Madrid: Akal: 85-114.2004. ◀